

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

THEMYLLE TAVARES SILVA

**A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL COM UMA  
CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

João Pessoa  
2019

THEMYLLE TAVARES SILVA

**A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL COM UMA  
CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao curso de Licenciatura em  
Pedagogia da Universidade Federal da  
Paraíba como requisito parcial para a  
obtenção de título pleno de Pedagoga.

Orientadora: Dr.<sup>a</sup> Munique Massaro

João Pessoa

2019

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

S586m Silva, Themylle Tavares.

A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL COM UMA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA / Themylle Tavares Silva. - João Pessoa, 2019.  
28 f.

Orientação: MUNIQUE MASSARO.  
Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. EDUCAÇÃO ESPECIAL. EDUCAÇÃO INFANTIL. 2. MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA. 3. TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA. I. MASSARO, MUNIQUE. II. Título.

UFPB/BC

THEMYLLE TAVARES SILVA

*A Mediação do Professor da Educação Infantil com uma criança com Transtorno do Espectro Autista*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, como parte das exigências para a obtenção da Licenciatura Plena em Pedagogia.

Aprovado em 34 de maio de 2019.

**Banca Examinadora**

Munique Massaro  
Dr.<sup>a</sup> Munique Massaro - UFPB  
Orientadora

Adenize Queiroz de Farias  
Dr.<sup>a</sup> Adenize Queiroz de Farias - UFPB  
Examinadora

Santuza Mônica de França Pereira da Fonseca  
Ma. Santuza Mônica de França Pereira da Fonseca - UFPB  
Examinadora

João Pessoa  
2019

## RESUMO

O transtorno do espectro autista leva o sujeito a ter um funcionamento diferenciado em suas interações sociais e na sua comunicação. Portanto, para que a criança tenha uma maior interação social, se faz necessário mediações pedagógicas específicas que se articulem com a individualidade de cada criança. Assim, o presente trabalho tem como foco relatar as observações feitas em uma turma da educação infantil de uma escola regular, para acompanhar a mediação do professor com uma criança com transtorno do espectro autista. Tem como objetivos analisar a mediação do professor da educação infantil e identificar os procedimentos pedagógicos utilizados em sala de aula que facilitem a inclusão de crianças com transtorno do espectro autista. Para o desenvolvimento da pesquisa, foram realizados oito dias de observações em uma sala de infantil IV, de uma escola da rede particular de ensino. Os participantes das observações foram a professora, a auxiliar de sala e o aluno com transtorno do espectro autista de cinco anos de idade. As observações foram realizadas e escritas em um diário de bordo. As análises e discussões dos dados foram realizadas por dia de observação. Os resultados mostraram a importância da mediação do professor da educação infantil no desenvolvimento de uma criança com transtorno do espectro autista.

**Palavras-Chave:** Educação Especial. Educação Infantil. Transtorno do Espectro Autista. Mediação Pedagógica.

## **ABSTRACT**

Autism spectrum disorder leads the subject to have a differentiated functioning in their social interactions and in their communication. Therefore, in order for the child to have a greater social interaction, it is necessary to have specific pedagogical mediations that are articulated with the individuality of each child. Thus, the present work focuses on the observations made in a class of children's education of a regular school, to accompany the teacher's mediation with a child with autism spectrum disorder. The objective of this study is to analyze the mediation of the preschool teacher and to identify the pedagogical procedures used in the classroom that facilitate the inclusion of children with autism spectrum disorder. For the development of the research, eight days of observations were carried out in a children's room IV, from a private school network. Participants of the observations were the teacher, the classroom assistant, and the student with a five-year-old autistic spectrum disorder. The observations were made and written in a logbook. Data analyzes and discussions were performed by observation day. The results showed the importance of mediating the preschool teacher in the development of a child with autism spectrum disorder.

**Keywords:** Special Education. Early Childhood Education. Autism Spectrum Disorder. Pedagogical Mediation.

## Sumário

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>8</b>  |
| <b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>   | <b>9</b>  |
| <b>2.1 Breves considerações sobre o Transtorno do Espectro Autista .....</b>       | <b>9</b>  |
| <b>2.2 A Criança com Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil .....</b> | <b>14</b> |
| <b>3 OBJETIVOS .....</b>   | <b>17</b> |
| <b>4 MATERIAL E MÉTODO .....</b>   | <b>18</b> |
| <b>5 RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>   | <b>18</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>  | <b>26</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>27</b> |

## **1 INTRODUÇÃO**

O presente trabalho formou-se a partir de um projeto de pesquisa acadêmica, elaborado para atender ao requisito de conclusão do curso de Pedagogia, o qual tem como foco a mediação do professor da educação infantil com uma criança com transtorno do espectro autista.

O transtorno do espectro autista tem sido foco de muitas pesquisas, por ser um distúrbio que se faz presente no desenvolvimento da criança a sua vida inteira. Por isso nota-se que o trabalho de mediação do professor da educação infantil em crianças com transtorno do espectro autista tem que favorecer o processo de inclusão dessas crianças nas escolas regulares.

A escolha desse tema se deu a partir da minha experiência prática como professora da Educação Infantil. Vivenciei a tentativa do processo de inclusão de um aluno com transtorno do espectro autista em uma escola regular de ensino infantil e fundamental.

Este trabalho tem como objetivos: analisar a mediação do professor da Educação Infantil na prática pedagógica com uma criança com transtorno do espectro autista e identificar os procedimentos pedagógicos utilizados pelo professor da Educação Infantil que facilitem a inclusão desses alunos.

No decorrer do trabalho será apresentado um breve conceito do tema, os desafios que passa o professor da Educação Infantil ao tentar o processo de inclusão, as legislações pertinentes e uma breve reflexão sobre a necessidade de uma formação especializada para que os professores consigam desenvolver um ensino de qualidade.

Este trabalho aborda também um breve histórico sobre os conceitos do tema, baseando-se em estudos feitos por alguns teóricos e suas ideias. Destaca também o comportamento de uma criança com transtorno do espectro autista na Educação Infantil, as dificuldades diárias na sala de aula e apresenta procedimentos pedagógicos que colaboram no processo de ensino e aprendizagem.

Na conclusão, está presente as considerações sobre o estudo realizado, sobre o processo de inclusão e sobre as observações feitas. A pesquisa tem como metodologia qualitativa, onde foi realizada em uma escola particular de ensino infantil e fundamental através de observações realizadas em uma sala de aula do infantil IV com a presença de uma criança com transtorno do espectro autista. A observação teve como foco a mediação do professor com esta criança.



## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 Breves considerações sobre o Transtorno do Espectro Autista**

O autismo é um transtorno de desenvolvimento que por natureza acometem mecanismos cerebrais de sociabilidade básica e precoce.

O autismo é um distúrbio do desenvolvimento. Uma deficiência nos sistemas que processam a informação sensorial recebida fazendo a criança reagir a alguns estímulos de maneira excessiva, enquanto a outros reage debilmente. Muitas vezes, a criança se “ausenta” do ambiente que a cerca e das pessoas circunstantes a fim de bloquear os estímulos externos que lhe parecem avassaladores. O autismo é uma anomalia da infância que isola a criança de relações interpessoais. Ela deixa de explorar o mundo à sua volta, permanecendo em vez disso em seu universo interior. (GRANDIN; SCARIANO, 1999, p.18).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) refere-se a um grupo de características enquadrado em um espectro e compartilhado de prejuízos qualitativos na interação social, associados a comportamentos repetitivos e interesses restritos pronunciados (BRENTANI, 2013).

O termo autismo tem origem grega (autós), que significa: por si mesmo. Criado em 1911 por Eugene Bleuler, esse termo “autismo” faz referência a um sintoma de esquizofrenia. Porém, os primeiros estudos sobre autismo ocorreram em 1943, pelo psiquiatra americano Leo Kanner, que descreveu um artigo baseado em 11 crianças com características individualizadas às demais síndromes.

Kanner, em 1949, refere-se ao quadro com o nome de autismo Infantil Precoce, evidenciando sérias dificuldades de contatos com pessoas, ideia fixa em manter os objetos e as situações sem variá-los, fisionomia inteligente, alterações na linguagem do tipo intervenção pronominal, neologismo e metáforas. (RODRIGUES; SPENCER, 2010, p.18).

O Autismo, descrito por Kanner (1943), que o nomeou inicialmente como “distúrbio autístico do contato afetivo”, foi concebido como um distúrbio primário semelhante ao descrito para a Esquizofrenia. A diferença estava no fato de a criança com Autismo não realizar um fechamento sobre si mesma, mas buscar estabelecer uma espécie de contato bastante particular e específico com o mundo. A Esquizofrenia Infantil estaria relacionada a casos cujo quadro clínico se configuraria mais tarde, pois se trata de uma

desestruturação da personalidade subsequente a uma fase de desenvolvimento aparentemente estável.

Indivíduos com autismo aparentam ter dificuldades na área cognitiva de funções executivas. Essas funções são um conjunto de processos neurológicos que permitem que a pessoa planeje coisas, inicie uma tarefa, controle-se para continuar na tarefa, tenha atenção e, finalmente, resolva o problema. (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012, p.41).

Crianças com TEA já começam a demonstrar sinais nos primeiros meses de vida: elas podem não manter contato visual efetivo e não olhar quando uma pessoa chama.

O diagnóstico do TEA é clínico, feito através de observação direta do comportamento e de uma entrevista com os pais ou responsáveis. Os sintomas costumam estar presentes antes dos 3 anos de idade, sendo possível fazer o diagnóstico por volta dos 18 meses de idade. Rotta (2007, p.423) salientou que o TEA é um transtorno de desenvolvimento complexo, que apresenta diversas etiologias e que se caracteriza por variados graus de gravidade.

Para identificar os critérios diagnósticos para o autismo é preciso possuir experiência e especialização, pois eles apresentam um alto grau de especificidade e sensibilidade em grupos de diversas faixas etárias e entre indivíduos com habilidades cognitivas e de linguagem. (PETERSEN; WAINER, 2011, p.87).

Assim, deve-se realizar a observação dos comportamentos de uma criança com suspeita de TEA e evidenciar os comportamentos que são atípicos em comparação com aqueles que estão presentes no curso normal de desenvolvimento de uma criança. Deve-se ter atenção principalmente nas dimensões de orientação e comunicação social e não avaliar se algum sintoma está ausente ou presente na criança (PETERSEN; WAINER, 2011, p.87).

As causas do TEA ainda são desconhecidas, mas a pesquisa na área é cada vez mais intensa. Provavelmente, há uma combinação de fatores que levam ao autismo. Sabe-se que a genética e agentes externos desempenham um papel chave nas causas do transtorno.

No contexto escolar, caso o professor suspeite que o aluno seja uma criança com TEA e o mesmo ainda não possua um diagnóstico, o professor, juntamente com a equipe pedagógica da escola, deve chamar os pais da criança e aconselhá-los a procurar um

médico especialista, que na maioria dos casos é um neurologista. O diagnóstico deve ser feito de forma cautelosa, através das avaliações e dos exames necessários.

No Brasil são utilizados dois critérios oficiais de diagnóstico: o CID-10 (Código Nacional de Doenças) e o DSM-V (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais).

O CDI-10 é adotado pelo SUS e abrange todas as doenças, inclusive os transtornos mentais. O DSM-V abrange apenas os transtornos mentais e é mais utilizado em ambientes de pesquisas.

A família é a primeira instituição que pode promover a inclusão de uma criança com TEA, uma vez que esta é a fonte de referência de valores morais e sociais, complementada pela escola. A escola, no entanto, exerce função de socializar e promover a interação dos educandos e dos educadores, para que estes se desenvolvam cognitivamente e afetivamente, permitindo que os alunos com transtorno do espectro autista conheçam a sua realidade e o mundo que os cerca e passem a ter uma melhor compreensão do mundo. Para que isto ocorra, é fundamental que existam ambientes estruturados e profissionais capacitados que irão recebê-los e conseguirão trabalhar em cima da necessidade de cada um. Na realidade, constata-se que as escolas recebem os alunos com necessidades especiais na tentativa de inclusão, mas não realizam as adaptações necessárias para que aconteça de forma eficaz.

Nos últimos tempos, o processo de inclusão escolar da criança com TEA vem sendo discutido, principalmente na etapa da Educação Infantil. Uma criança com TEA apresenta dificuldades de interação social, comportamental e na comunicação, o que pode acabar prejudicando seu desenvolvimento infantil.

Nos dias de hoje, entre todas as situações da vida de uma pessoa com deficiência, a mais desafiadora é a sua entrada e permanência na escola. Hoje, se pratica a tentativa de inclusão de crianças com deficiência do ambiente escolar. Por isso, os professores agora estão sendo preparados para adaptar a sua prática pedagógica para que a criança com deficiência tenha sua permanência na escola regular.

[...] a escola não pode continuar ignorando o que acontece ao seu redor nem anulando e marginalizando as diferenças nos processos pelos quais forma e instrui os alunos. E muito menos desconhecer que aprender implica ser capaz de expressar, dos mais variados modos, o que sabemos, implica representar o mundo a partir de nossas origens de nossos valores e sentimentos. (MANTOAN, 2003, p.12).

Crianças com transtorno do espectro autista apresentam dificuldades de interação social, dificuldades de comunicação e comportamentos variados, por isso ainda se percebe as dificuldades de aceitação de crianças com deficiências nas escolas.

A Declaração de Salamanca afirma:

As competências necessárias para satisfazer as necessidades educativas especiais devem ser tidas em consideração na avaliação dos estudos e na certificação dos professores [...] A formação em serviço deverá realizar-se, sempre que possível, ao nível da escola, através da interação com os orientadores e apoiados pela formação à distância e outras formas de auto formação. (UNESCO, 1994, p. 27-28).

Falar sobre este tema tem suma importância, pois é preciso motivar as crianças com deficiência a se socializarem com outras crianças e frequentarem escolas regulares e não apenas instituições especializadas. Mantoan (2008) traz a escola como princípio básico da educação, sendo ela a única possibilidade de desenvolver uma pedagogia que seja capaz de educar e incluir todos que possuam alguma necessidade especial, dificuldade temporária ou permanente, pois a inclusão se aplica a todos.

As escolas devem proporcionar uma educação de qualidade e ensinar aos seus alunos a conviver e respeitar as diferenças, para que eles aprendam a viver com a diversidade, sendo assim, aprendendo com as diferenças de cada um.

As escolas regulares se sentem desafiadas frequentemente em relação a prática inclusiva dos alunos com deficiência, por isso se faz necessário o envolvimento de toda comunidade escolar. A inclusão não pode ser confundida apenas com a permanência da criança com deficiência na sala de aula.

A educação de alunos com necessidades educativas especiais incorpora os princípios já comprovados de uma pedagogia saudável da qual todas as crianças podem beneficiar, assumindo que as diferenças humanas são normais e que a aprendizagem deve ser adaptada às necessidades da criança, em vez de esta a ter de se adaptar a concepções predeterminadas, relativamente ao ritmo e à natureza do processo educativo. (UNESCO, 1994, p.7).

Enfatiza-se que o profissional de apoio ao professor, ou acompanhante especializado, torna-se necessário para que ocorra esse processo de inclusão, principalmente nos casos de crianças e adolescentes com maiores dificuldades de socialização, linguagem e comportamentos repetitivos. Em experiências práticas,

observa-se que com bastante frequência são colocadas pessoas com nenhum tipo de formação para assumir este papel.

Silva, Gaiato e Reveles (2012) discutiram que o desempenho escolar de crianças com TEA vai depender do nível de comprometimento do transtorno, pois crianças com um nível mais grave tendem a apresentar um maior atraso mental e permanecem dependentes. Já crianças com um nível mais leve ou apenas com traços autísticos, acompanham o desenvolvimento na escola. No entanto, o apoio e adaptações que a criança com TEA recebe na escola também pode influenciar o seu desempenho.

A recente Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, prevê que:

Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do artigo 2º, terá direito a acompanhante especializado. (BRASIL, 2012).

A partir do momento em que a escola recebe o aluno com transtorno do espectro autista e ele começa a frequentar a sala de aula, por lei, ele tem direito, caso haja necessidade, a um acompanhante especializado que estará disponível para ajudá-lo no seu processo de desenvolvimento, auxiliando-o, junto com o professor, na realização das atividades, ajudando na interação, ou seja, fazendo um acompanhamento para melhorar o aprendizado da criança.

Além do direito ao acompanhante especializado, esta lei deu visibilidade para as crianças com TEA, garantido outros direitos como, a eliminação de todo o tipo de discriminação para pessoas com TEA, acesso à educação e a proteção social e igualdade de oportunidades.

É de suma importância que o professor invista em sua formação, para que venha a conhecer as dificuldades e capacidades do seu aluno com TEA. Para o desenvolvimento de novas práticas para a inclusão nas escolas regulares são necessárias mudanças na organização dos trabalhos pedagógicos.

Ressalta-se que as parcerias constantes com a família da criança são imprescindíveis para uma aprendizagem efetiva. O material pedagógico também precisa ser apropriado para ser trabalhado em sala de aula com esses alunos, além de propiciar aulas lúdicas com materiais concretos e diversificados que facilitem o desenvolvimento.

As fontes de pesquisa sobre o transtorno do espectro autista são vastas e servem de inspiração para novas pesquisas que apontem melhores recursos para se alcançar o objetivo maior que é a socialização das crianças com TEA.

## **2.2 A Criança com Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil**

Para falar sobre educação especial em um contexto de práticas pedagógicas na educação infantil, focando na inclusão, é necessário compreender que ela é uma modalidade que se perpassa em todos os níveis da educação. Olhando a história da educação especial e inclusiva, observa-se que sempre houve uma grande discussão sobre a educação para os alunos com deficiências. Verifica-se que em alguns momentos da história da educação brasileira foram elaboradas estratégias paralelas ao ensino regular, onde se exclui os considerados menos capazes. Necessita-se ir mais adiante para perceber que as crianças são capazes de superar suas próprias barreiras e limitações.

A Lei nº 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) (BRASIL, 1996), descreve a Educação Infantil como a primeira etapa da educação básica, porém seu objetivo não é dissociar o conhecimento em disciplinas, como ocorre nos outros níveis de ensino. Ou seja, a Educação Infantil configura um espaço educacional não escolarizado, no qual os vários campos do conhecimento são abordados.

Se a escola se torna responsável em ensinar crianças com transtornos do espectro autista, então ela tem de assumir a postura de inclusão em todos os aspectos educacionais e sociais dentro dela. Pode-se ver que os alunos das escolas populares já encontram inúmeras dificuldades para serem incluídos, logo podemos entender a dificuldade encontrada por alunos com deficiências e transtornos.

É claro que a inclusão não se dará de um dia para o outro, mas esse processo tem de ser formado e trabalhado diariamente. Lidar com alunos com TEA é uma tarefa bem desafiante, tendo em mente que suas alterações de humor e o sentimento de insegurança será algo constante até que eles se acostumem com o local e com as pessoas.

Atualmente podemos perceber que existem alunos com TEA frequentando escolas regulares, mas sabemos que é preciso que o educador seja capaz de ter ações pedagógicas criativas para solucionar o desafio colocado pelo aluno.

Garcia e Rodriguez (1997) apontaram algumas estratégias que diminuem as dificuldades. Tais como: a estrutura física do ambiente, a rotina sempre clara e precisa de

acordo com a compreensão da criança, equilíbrio entre as atividades tanto em grupo, como também nas individuais, reforço e intervalos.

Entretanto, percebe-se a falta de preparação pedagógica dos professores para que a inclusão realmente aconteça. Para que esta inclusão esteja apta para as escolas brasileiras, será preciso romper alguns valores e assim, criar novos paradigmas.

Acredita-se que as oportunidades de inclusão para alunos com transtorno do espectro autista possam ser aumentadas com o passar dos anos, pois quanto mais profissionais estudarem sobre esta deficiência, no que diz respeito a educação, se abrirão portas de acesso para a entrada dos mesmos em escolas regulares.

Isso trará consequências boas, porque a interação com crianças da mesma faixa etária proporciona contextos sociais que permitem vivenciar várias experiências que darão origem a troca de ideias. Deve-se proporcionar às crianças com TEA espaços para conviverem com crianças da mesma idade, possibilitando o estímulo às suas capacidades interativas, impedindo seu isolamento.

Para Bosa (2006), os alunos com TEA necessitam de um maior planejamento nas práticas pedagógicas para um melhor desenvolvimento. A educação especial surge como a mediadora entre a escola e as diferenças, e o aluno precisará de acompanhamento pedagógico para que a inclusão ocorra.

O professor de educação infantil, enquanto promotor e mediador da aprendizagem, possui o papel de ensinar utilizando práticas que transformem a sala de aula em um ambiente de construção de saberes e experiências para um melhor desenvolvimento.

Carneiro (2006), ressaltou que é necessário conceber a formação continuada para os educadores, para que aconteça uma reconstrução na instituição escolar. Com construção de espaços para reflexão crítica, criação de canais de informação, apoio aos profissionais, implementação de políticas públicas que valorizem a formação docente.

Nesse contexto, cabe ao professor o papel de acompanhar as atividades, bem como promover oportunidades em que a criança possa se desenvolver. Através da organização do espaço, da disponibilização de objetos para a criança e materiais de apoio que possam enriquecer o espaço da sala de aula e torná-lo um ambiente lúdico e de aprendizagem, por meio também de brincadeiras e atividades que ajudem as crianças a se desenvolverem.

O professor deve sempre buscar maneiras para que o aluno não esteja apenas inserido, mas sim incluído, buscando vários métodos para que ocorra o processo de ensino e aprendizagem. Tudo depende de como o professor irá mediar o processo de ensino e

aprendizagem. Oliveira (1997) definiu a mediação como a intervenção de um elemento intermediário em uma relação.

O professor pode utilizar procedimentos de intervenção específicos do TEA como, a construção do PDI (Plano de Desenvolvimento Individual), para atender as necessidades da criança, Comunicação Alternativa para a ampliação das habilidades e da comunicação, entre outros métodos de intervenção.

Farias, Maranhão e Cunha (2008) desenvolveram um estudo com objetivo de discutir a prática profissional de duas professoras e suas crianças com TEA em turmas de educação infantil. Foram realizadas entrevistas com as professoras e utilizada a Escala de Avaliação da Experiência de Aprendizagem Mediada para avaliar a interação do professor com o aluno. Teve como resultado diferenças nos principais componentes de mediação. A professora (A) apresentou baixos níveis em todos os componentes de mediação, já a professora (B) apresentou uma mediação apenas no sentido de intencionalidade. Concluiu-se que existem professores que apresentam comportamento que não favorecem o cognitivo estrutural da criança e que a escola tem que ser capaz de qualificar esse professor para que ocorra a inclusão social e educacional na educação infantil.

Pode-se perceber que há muitas dificuldades que os professores enfrentam no seu cotidiano por falta de uma formação continuada e poucos recursos. Deve-se deixar de lado essa visão tradicionalista de que crianças com deficiências possuem limitações e focar em adaptações curriculares que promovam a participação desses alunos na sala de aula.

Todas as boas práticas pedagógicas podem auxiliar um bom desenvolvimento para todos os alunos, inclusive aqueles com necessidades educacionais especiais. A escola tem que se comprometer e desenvolver uma pedagogia em uma perspectiva inclusiva, com práticas educativas em um contexto social que possibilite aos alunos subsídios para o exercício da cidadania.

Vygotsky (2001) discorreu que a postura adotada pelo professor em sala de aula irá determinar ou não a aprendizagem do aluno e o seu desenvolvimento, e que essa postura deva proporcionar o estabelecimento de trocas interativas entre eles.

Outra pesquisa dentro da temática evidenciado é o de Mattos e Nuemberg (2011), que realizaram um trabalho de experiência de intervenção psicoeducacional em uma turma de educação infantil com uma criança com TEA. Teve como foco principal o desenvolvimento e interação social dessa criança. Para que ela pudesse participar das atividades foram necessárias mediações específicas articuladas com as características



singular da criança. Teve como resultado a evidência da importância da mediação pedagógica no desenvolvimento psicossocial, de modo que foram constatadas melhorias significativas na interação da criança quando a professora começou a flexibilizar as suas práticas educacionais.

Incluir é muito mais do que a presença do aluno com deficiência na rede regular de ensino. Muitas vezes essa inclusão incomoda, provoca resistências, desperta desafios. Diante disso, percebe-se que há necessidade da redefinição dos modelos das práticas pedagógicas, a formação continuada dos professores e o trabalho colaborativo de toda equipe escolar, para que estes fatores possam contribuir para a qualidade educacional dos alunos, fazendo com que eles tenham acesso ao currículo escolar de forma igualitária.

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) na educação infantil também é muito importante para as crianças desde os seus primeiros anos de vida, para que elas possam usufruir da acessibilidade física e pedagógica, utilizando-se de tecnologia assistiva. O AEE é um serviço da Educação Especial que identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos de acessibilidade, que eliminam barreiras para a participação das crianças, considerando as suas particularidades (BRASIL, 2015).

A Constituição Federal de 1988 assegura que a educação é um direito de todos. Todas as crianças tendo deficiência, transtornos ou não, devem ser inseridas na escola (BRASIL, 1988).

Em meio a tantos avanços e retrocessos, a inclusão na educação infantil, dentro da escola, continua a caminhar. Neste sentido, busca-se fazer algumas reflexões, que se tornam relevantes, quando se admite que a experiência da inclusão é incipiente, mas suficiente para que se possa chegar ao aperfeiçoamento em um sentido inclusivo.

### **3 OBJETIVOS**

- Analisar a mediação do professor da Educação Infantil na prática pedagógica de uma criança com transtorno do espectro autista.
- Identificar os procedimentos pedagógicos utilizados pelo professor da Educação Infantil, que facilitem a inclusão de uma criança com transtorno do espectro autista.

## **4 MATERIAL E MÉTODO**

Em termos metodológicos, esta pesquisa se caracteriza como qualitativa, realizada por meio de uma pesquisa de campo.

Foi optado pela pesquisa do tipo qualitativa, para se chegar a uma melhor interpretação do tema abordado. Segundo Malheiros: “a coleta de dados qualitativos é um processo que exige muito rigor do pesquisador, porque a observação do fenômeno estar certamente empregada pela história pessoal daquele que observa.” (MALHEIROS, 2011, p.188).

A pesquisa foi realizada por meio de observações das aulas propostas pelo professor em uma sala de aula da educação infantil em uma escola regular.

Para o desenvolvimento proposto da pesquisa, foram realizados oito dias de observações em uma sala de infantil IV, com 14 crianças matriculadas com idade entre quatro e cinco anos, em uma escola da rede particular de ensino. A sala de aula era ampla e tinha bastante espaço e além da presença da professora, também tinha a presença de uma auxiliar de sala, que auxiliava a professora com todos os alunos. A criança com TEA não tinha um acompanhante especializado, como diz a lei. E uma vez por semana, a psicopedagoga da escola observava a criança com TEA na sala. As observações foram realizadas em dias sequenciais. A pesquisadora ficava sentada junto com as crianças ou perto da cadeira da professora para fazer as observações. As observações duraram em torno de duas horas e foram descritas em um diário de bordo.

Após a coleta de dados, foram realizadas análises por dias de observação. A criança observada tinha cinco anos de idade e como participantes das observações teve: a professora, a auxiliar de sala e a criança com transtorno do espectro autista.

## **5 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Neste momento, serão apresentados os resultados da pesquisa, a partir de cada dia de observação realizada na escola pesquisada.

### **Primeiro dia de observação**

No primeiro dia de observação cheguei a sala e a professora me deixou bem à vontade para observar, no primeiro momento todos os alunos estavam tirando do quadro a agenda do quadro,

enquanto isso o aluno com transtorno do espectro autista não tinha nenhuma reação, apenas ficou parado olhando para o quadro e não fez a agenda. Depois que todos terminaram, a professora ficava dizendo para ele: “olhe para o quadro”, “termine sua agenda”, “vai ficar sem parque”, “vou dizer ao seu pai”. Neste dia estava sendo dado o alfabeto em Libras, a professora fez a leitura da explicação que tinha no livro e foi fazendo o alfabeto em libras junto com todos da sala, depois eles realizaram a atividade no livro. Nesse momento da atividade o aluno não estava com interesse de realiza-la, mas a professora ficou ao seu lado dando os direcionamentos para que ele terminasse a atividade, por fim ele conseguiu terminar. Passado este momento eles tiveram a hora do lanche (meia hora), ao terminar o lanche houve o momento do intervalo (meia hora). Ao voltar para a sala a professora deu folha para que todos pintassem e desenhasssem. Quase não se percebia a presença da auxiliar de sala, já que a mesma ficava mais fora da sala do que dentro.

Para Bosa (2002), o isolamento das crianças com TEA é decorrente da incompreensão do que foi solicitado. Então a criança acaba se isolando para não ter que interagir, causando rupturas nas possibilidades de interação social. No momento de realizar a agenda, a criança não queria realizar o que estava sendo solicitado pela professora, porque não conseguia compreender o sentido de fazer a agenda.

No momento que a professora percebeu que a criança não estava fazendo a agenda, começou a falar que iria dizer ao pai e que ele iria ficar sem parque, tentando colocar medo no aluno, mas para Mattos e Nuemberg (2011), o professor deve criar meios para que aconteça a interação social, a partir de atividades voltadas para a singularidade do aluno.

## **Segundo dia de observação**

No segundo dia ao chegar à sala a professora estava aplicando uma atividade de Matemática sobre supermercado, que se encontra no PNAIC, mas ela fez uma adaptação para a educação infantil, colocou os números apenas de 1 à 10 para representar o dinheiro, para que todos pudessem participar. Ela fez da seguinte maneira: separou os alunos em quatro grupos, um grupo foi o caixa, outro grupo foram os clientes, o outro fazia o cadastro dos produtos, e o outro colocou as etiquetas de preços. Ela levou embalagens variadas e vazias para montar o supermercado (shampoo, condicionador, todinho, pipos, óleo entre outras coisas) e pediu para que os alunos organizassem de acordo com o que eles achavam que cada produto ficaria em uma melhor seção. Depois, o grupo dos clientes foram às compras, foi

disponibilizado para os alunos dinheiro de papel, assim eles puderam pagar e receber o troco, sempre calculando para ver se tinha dado e recebido o dinheiro correto com a ajuda da professora.

Nesse segundo dia de observação, foi possível perceber o interesse do aluno observado em participar da atividade proposta pela professora, pois geralmente ele não se sentia atraído por atividades de matemática, ou atividades que não prendiam sua atenção. Por esta razão, a professora precisou buscar novas formas para que o aluno tivesse a oportunidade de compreender a Matemática como elemento indispensável em sua vida e vivenciá-la de forma prazerosa e significativa. A partir dessa prática pedagógica, pude comprovar que por meio da utilização de jogos, não somente crianças com transtornos ou deficiências, mas todas as crianças podem melhorar seus desempenhos nas aulas de matemática, desenvolvendo também o raciocínio, habilidades motoras, cognitivas e afetivas. Criando oportunidades de entrar em contato com ideias de outros colegas e de propor um conflito cognitivo que os façam evoluir em suas hipóteses de aprendizagem e ajudando no processo de inclusão.

Para Piaget (1971), os jogos não são apenas uma forma de divertimento, mas são meios que contribuem e enriquecem o desenvolvimento intelectual. Para manter seu equilíbrio com o mundo, a criança necessita brincar, criar, jogar e inventar. Sendo assim, observou-se que o jogo proporcionou uma maior interação e enriquecimento para o desenvolvimento do pensamento lógico da criança.

### **Terceiro dia de observação**

No terceiro dia de observação, ao chegar à sala a professora estava aplicando com os alunos uma prova de Português. Ela fez a leitura da prova e depois foi explicando questão por questão para que todos pudessem acompanhar e responder direito. A criança observada realizou a prova. Nesse dia, a auxiliar de sala se encontrava na sala, auxiliando a professora, mas pouco se percebia a interação dela com o aluno observado.

Mattos e Nuemberg (2011) trouxeram o relato de experiência sobre a importância da mediação em crianças com TEA na educação infantil, evidenciando que essas mediações ajudam no desenvolvimento.

A explicação da professora proporcionou meios para a realização e término da prova. A partir da leitura e da explicação feita pela professora, a criança com TEA conseguiu realizar a prova.

#### **Quarto dia de observação**

No quarto dia de observação, a professora fez uma contação de história, dramatizada com personagens feitos em palitos de picolés. Pois ela disse que a contação leva as crianças a desenvolverem seu imaginário assim como suas habilidades, trabalhando no desenvolvimento de novas perspectivas, o que trará muitas construções novas e uma leitura de mundo mais ampliada. Conversando com a Professora a mesma me disse que eles iriam trabalhar a semana da alimentação saudável, então unindo o útil ao agradável ela pesquisou uma história sobre alimentação saudável para trabalhar com eles. Confeccionou os personagens utilizando palito de picolé e folhas de papel filipinho. Foi contando a história e trazendo os personagens no palito, o que fez com que a turma tivesse bastante interesse e o aluno observado ficou muito interessado na história, ele prestou bastante atenção, rias das falas dos personagens e estava interagindo tentando adivinhar o que iria acontecer no final. Depois ela finalizou trazendo a mensagem por trás da história: que devemos cuidar sempre da nossa saúde e da nossa alimentação para não ficarmos doentes. E todos gostaram muito e começaram a falar o que gostava de comer e também o que não gostavam.

A contação de história é uma das maneiras de transmitir conhecimento e estimular a imaginação. Ao ouvir uma história a criança pode relacionar a suas próprias vivências, estimulando a memória e ajudando no controle emocional e sentimental. O momento de contação promove maior interação entre as crianças em sala de aula, ajudando a todos da turma a acolher as diferenças.

Mattos e Nuemberg (2011) verificaram em sua pesquisa melhorias na capacidade da turma a partir da flexibilização das práticas educacionais da professora frente as perspectivas inclusivas. Então, o momento de contação mediado pela professora, proporcionou a criança com TEA maior interação com os colegas na sala de aula.

#### **Quinto dia de observação**

No quinto dia de observação, a professora iniciou um assunto novo na sala de aula, dialogando com os alunos da turma sobre o que sabiam a respeito dos termos diminutivo e aumentativo. Após

esse levantamento ela achou importante explicar para os alunos que nem sempre as palavras no aumentativo e no diminutivo indicavam tamanho. “Muitas vezes existe uma intencionalidade no uso do aumentativo e do diminutivo”, essa intenção pode ser afetiva ou pejorativa. Ela utilizou exemplos relacionados ao cotidiano como: amorzão, filhão, paizão, amigão. Ela fez a Leitura para a turma do texto “Xadrez” de Cláudia Scatamacchia, por trazer bastantes palavras no aumentativo e no diminutivo, no momento da leitura do texto o aluno observado não queria ficar na sala, a todo tempo queria ir para a sala da direção para jogar no celular. Ele começou a se jogar no chão e ficar agressivo, saiu batendo em todas as portas da escola e gritava e chorava muito. A professora pediu para que a secretária ligasse para o pai da criança e o mesmo foi buscá-lo. Apenas nesse momento vi a auxiliar. Ela entregou o aluno e ele foi para casa.

Nesse dia foi perceptível que a professora e a escola não estavam preparadas para lidar com o momento de crise da criança com TEA, pois ao invés de buscar meios para que o mesmo permanecesse em sala, ligaram para o pai ir buscá-lo.

Carneiro (2006) destacou que a inclusão de crianças com deficiência nos espaços educacionais tem relação com a criação de um ambiente que valorize a diversidade e se adeque a necessidade do aluno.

### **Sexto dia de observação**

No sexto dia de observação, a professora trouxe uma proposta de confecção de um dominó com imagens no aumentativo e no diminutivo. Os alunos confeccionaram um jogo de dominó, com a ajuda da professora e da auxiliar de sala. Foi providenciado fichas de papel cartolina, medindo 12cm X 6cm e imagens dos objetos e dos animais no aumentativo e no diminutivo. Com ajuda, os alunos dividiram cada ficha ao meio, de um lado os alunos colaram imagens de objetos, pessoas ou animais e embaixo colaram a escrita da palavra referente à imagem colada. Do outro lado escreveram no diminutivo ou no aumentativo com a ajuda da professora, uma das palavras desenhadas. Quando tudo ficou pronto a professora colocou todos em círculo para começar o jogo. O aluno observado se interessou pela dinâmica do jogo, interagiu com os colegas e participou até o fim do momento. Ao finalizar o término, a professora fez uma roda de conversa, sobre o que foi possível aprender através da atividade realizada, mas o aluno observado ficou apenas calado e a professora não insistiu.

Piaget (1971) estudou sobre o desenvolvimento da inteligência a partir de jogos como atividades na busca pelo conhecimento. O professor deve provocar na criança a

necessidade daquilo que ele quer transmitir. Nesse sentido, os jogos são buscados como meio de chegar à descoberta, inventar estratégias, pensar o novo, construir, agir sobre as coisas, reconstruir, produzir e interagir.

Evidenciou-se que a professora utilizou o jogo como procedimento pedagógico para o processo de construção do conhecimento, respeitando o desenvolvimento na qual a criança observada se encontrava.

### **Sétimo dia de observação**

No sétimo dia de observação, a professora iniciou a aula com um diálogo sobre o que eles sabiam sobre aumentativo e diminutivo e cada aluno foi falando um pouco o que sabia. O aluno observado falou que aumentativo é tudo que é grande e diminutivo é tudo que é pequeno. Então a professora fez com que todos percebessem que existem palavras que estão no diminutivo e no aumentativo que não indicam tamanho. Então deu o seguinte exemplo citando o aluno observado:

Eu sou a mãe de Bruno, então quando eu cheguei em casa do trabalho eu olhei para Bruno e disse: Filho você é meu amorzão! Nesse momento ele não se segurou começou a rir sem parar. Então ela perguntou o seguinte: Bruno é meu amorzão por que ele é grande? Foi aí que um deles respondeu, não tia porque Bruno não pode ser grande ele ainda é uma criança.

Então a professora falou para eles que muitas vezes existe uma intencionalidade na palavra que tem uma intenção afetiva. Explicou que as pessoas, os objetos e os animais podem variar de tamanho e fez a apresentação de umas imagens que tinham variações de tamanhos. Em seguida, entregou uma folha para que eles ilustrassem uma palavra do que tivesse ou no aumentativo ou no diminutivo. Depois cada um fez a apresentação do seu desenho. O aluno desenhou 3 gatos, e ao apresentar falou que era um gato, um gatinho e um gatão. Mal conseguia perceber a presença da auxiliar nos momentos das atividades.

Vygotsky (1997) refletiu acerca do contexto educacional a partir de intervenções que enfatizem a mediação. A professora utilizou-se de exemplos ligados ao cotidiano para a explicação do assunto, possibilitando maior entendimento e interação.

Mattos e Nuemberg (2011) enfatizaram que, para que o educando possa participar das interações sociais são necessárias mediações ligadas a individualidade de cada criança.

### **Oitavo dia de observação**

No oitavo dia de observação, a professora fez a escolha do livro O ouriço, pois é um livro que nos dá um leque de possibilidades para trabalhar diversos assuntos. Decidiu focar na questão de ajudar o próximo. Então começou a contar a história e o aluno observado ficou bastante empolgado querendo saber quem ia ajudar o ouriço, e depois ele ficou muito triste e decepcionado porque ninguém queria ajudar o ouriço e começou a chorar, a professora tentou acalmá-lo e pediu para que ele escutasse a história até o final. Quando finalizou a história, ela perguntou se eles acharam certo o que o ouriço fez para conseguir as frutas. Muitos responderam que não, disseram que ele tinha usado o elefante. Aproveitou e fez o seguinte questionamento: se o urubu ou a girafa tivesse ajudado o ouriço ele não iria precisar ter feito isso com o elefante né? O aluno observado ficou um tempo pensando. A intenção dela era com que eles entendessem que devemos sempre ajudar nosso próximo e que isso é uma forma de carinho e amor que devemos ter uns pelos outros. Começou a falar que devemos ser mais solidários e ajudar nossos colegas quando eles estiverem precisando e disse a eles que muitas vezes somos nós o ouriço precisando de uma ajuda, mas também em outras ocasiões somos como o urubu e a girafa, e que não ajudamos o nosso próximo.

Para uma melhor formação da criança com TEA, a professora estava fazendo a utilização de contação de histórias para criação de um vínculo mais afetivo entre todos da sala, buscando maneiras de fazer as crianças analisar situações que contribuem para o seu dia a dia. A criança com TEA entende o mundo ao seu redor de uma maneira diferente, a contação de histórias pode ajudá-la a entender o seu mundo, chamar sua atenção e aproximá-la desse mundo imaginário.

Para Frantz (2011), as histórias são ótimas ferramentas de trabalho quando pensadas para a formação de crianças, pois vários aspectos contribuem para o mundo da leitura e da escrita, como por exemplo, o fato de haver uma grande variedade de temáticas a serem exploradas, abrindo um leque de opções para o professor chamar a atenção da criança de acordo com seus interesses, criando empatia com os estudantes e podendo focar, por meio delas, os mais variados aspectos educacionais.

O aluno demonstrou interesse em participar das atividades e até certa euforia para as contações de histórias. Considerando a faixa etária e o nível de alfabetização de grande parte dos alunos do grupo, a professora buscou-se estabelecer um diálogo por meio de uma linguagem aproximada ao aluno.

Vygotsky (1991) esclareceu a medida das atividades humanas ao analisar a estrutura das operações com signo. Os mediadores podem ser: instrumentos ou signos.



Os instrumentos são criados pelo homem para uma maior facilidade de realização das coisas ao longo da vida, já os signos eles auxiliam nos processos internos por serem fatores cerebrais. Então tanto os instrumentos quanto os signos ajudam em um maior desenvolvimento.

A professora, apesar de pouca ajuda da auxiliar e de ser a primeira experiência com um aluno com transtorno do espectro autista, tentava fazer o possível para que a inclusão do mesmo acontecesse.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A inclusão de crianças com transtorno do espectro autista nas escolas regulares ainda passa por um processo de dificuldades, por vários fatores. A escola junto com a equipe pedagógica precisa demonstrar interesses em métodos novos, buscar conhecimentos e formações.

O professor deve sempre buscar informações para que ocorra o processo de ensino e aprendizagem. Através das observações é perceptível a importância da inclusão no âmbito escolar, e que a professora observada tenta uma mediação que possibilite aspectos que deixem o aluno com o transtorno do espectro autista mais envolvido nas aulas.

Percebe-se um pouco das dificuldades de inserir alunos com esse transtorno em sala de aula, mas o professor deve sempre buscar novas práticas, fazendo leituras específicas e se preparando para receber esses alunos na sala de aula.

Um ponto importante, é que a escola disponibilizava os materiais para a realização das aulas lúdicas, o que contribui bastante para a elaboração de atividades específicas.

Posso relatar que a inclusão não ocorre apenas com o aluno inserido em sala de aula, mas com a adaptação de todo o contexto escolar, para que ele construa seus próprios conhecimentos. O professor deve mediar os conhecimentos para as crianças com o transtorno do espectro autista, dando mais significado às aulas para possibilitar seu desenvolvimento.

## REFERÊNCIAS

BOSA, C. A. Autismo: Atuais interpretações para antigas observações. In: BAPTISTA, C. R.; BOSA, C. (Eds.). **Autismo e educação**: Reflexões e propostas de intervenção (pp. 21-39). Porto Alegre: Artmed.2002.

BOSA, C. A. Autismo: Intervenções psicoeducacionais. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, n. 28, p. 47-53. 2006.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. 292p.

\_\_\_\_\_. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**, Brasília, 2008.

\_\_\_\_\_. **Lei 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e altera o § 3º do art.98 da Lei nº 8.112, 11 de dezembro de 1990.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Nota Técnica Conjunta SECADI/DPEE nº 2, de 4 de agosto de 2015**. Orientações para a organização e oferta do Atendimento Educacional Especializado na Educação Infantil. MEC/SECADI/DPEE, 2015. Disponível em: <ufpb.br/cia/contents/manuais/a-consolidacao-da-inclusao-escolar-no-brasil-2003-a-2016.pdf>. Acesso em: 05 abril 2019.

BRENTANI, et. al. Autism spectrum disorders: an overview on diagnosis and treatment. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v.35, suppl.1, p. 62-72, 2013.

CARNEIRO, M. S. C. A deficiência mental como produção social: de Itard à abordagem histórico-cultural. In: BAPTISTA, C. R. **Inclusão e escolarização**. Porto Alegre: Mediação, 2006, p. 137-15.

FARIAS, I. M. de; MARANHÃO, R. V. de A.; CUNHA, A. C. B. da. Interação professor-aluno com autismo no contexto da educação inclusiva: análise do padrão de mediação do professor com base na teoria da Experiência de Aprendizagem Mediada (Mediated Learning Experience Theory). **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.14, n.3, p.365-384, 2008.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. **A literatura nas séries iniciais**. Petrópolis: Vozes, 2011.

GARCIA, T.; RODRIGUEZ, C. A criança Autista. In R. BAUTISTA, R. (Ed.). **Necessidades Educativas Especiais**. Lisboa: Dina Livro. 1997, p. 249-269.

- GRANDIN, T.; SCARIANO, M. M. **Uma menina estranha**: autobiografia de uma autista. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.
- KANNER, L. Autistic disturbances of affective contact. **Nervous Child**. n. 2, p. 217-50, 1943.
- MALHEIROS, Bruno Taranto. **Metodologia da Pesquisa em Educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- MANTOAN, M. T. E. **Inclusão social: O que é? Por quê? Como fazer?**. Ed. Moderna, São Paulo, 2003, p. 12-20.
- MANTOAN, M. T. E. (Org). **O desafio das diferenças nas escolas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- MATTOS, L. K. de; NUEMBERG, A. H. Reflexões sobre a inclusão escolar de uma criança com diagnóstico de autismo na educação infantil. **Revista Educação Especial**. Santa Maria, v. 24, n. 39, p. 129-142, jan./abr. 2011.
- OLIVEIRA, M. K. de. **Vygotsky, aprendizado e desenvolvimento**: um processo sócio histórico. São Paulo: Scipione, 1997.
- PETERSEN, C.; WAINER, R. **Terapias cognitivo-comportamentais para crianças e adolescentes**: ciência e arte. Porto Alegre: Artmed. 2011.
- PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Trad. Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- RODRIGUES, J. M. C.; SPENCER, E. **A criança autista**: um estudo psicopedagógico. Rio de Janeiro: Wak, 2010.
- ROTTA, N. T. **Transtorno de aprendizagem**: abordagem neurobiológica e multidisciplinar. Porto alegre: Artmed, 2007.
- SILVA, A. B. B.; GAIATO, M. B.; REVELES, L. T. **Mundo singular**: entenda o autismo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- UNESCO. **Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais**. Salamanca, 1994.
- VYGOTSKY, L. S. **Fundamentos da defectologia**. Madri: Visor, 1997. Obras escogidas V.
- \_\_\_\_\_. **A construção do pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.